

JORNAL: **Bahia Hoje**CAD: 1º **BAIRRO**
Assunto: Doron

DATA:

04/01/94

PAG: 15

38

SINCS

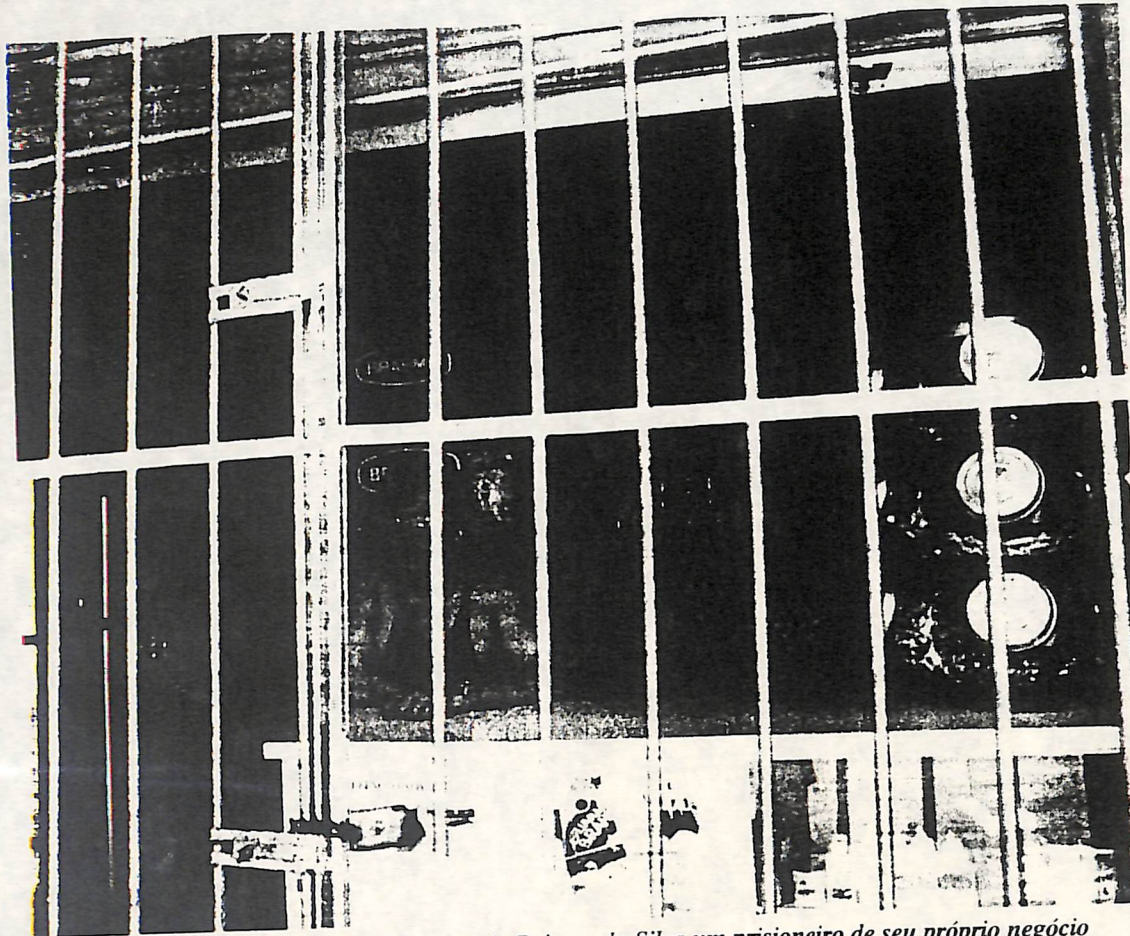
Secretaria de Comunicação Social

**PI FEITURA
DE ALVADOR**
TRABALHA PARA VOCE

CONJUNTO DORON

Bairro sofre com transporte ruim e pouca escola

Ônibus somem nos finais de semana e a falta de escolas obriga criança estudar em outros bairros



MARCO AURELIO MARTINS

Nos fins de semana, os cerca de cinco mil moradores do Conjunto Doron, no Cabula, ficam praticamente sem poder sair de lá. A frota de 24 ônibus é drasticamente reduzida. Para se ter uma idéia, a linha Nazaré/Doron/Nazaré deixa de rodar ao meio-dia dos sábados. Domingos e feriados os veículos nem aparecem no fim de linha. As linhas Barra I, Barra II, São Joaquim e Lapa rodam com menos carros. Quem quiser ir à praia tem de descer o morro para pegar ônibus na Av. Edgar Santos e enfrentar o mesmo empurra-empurra dos horários de pique. Os ônibus "alimentadores", que circulam entre os bairros próximos, não entram no condomínio.

O transporte coletivo é apenas um dos inúmeros problemas do Conjunto Doron. Também falta segurança: assaltos à mão armada são frequentes em plena luz do dia. Os primeiros andares dos prédios estão todos gradeados. Não existe módulo policial nem delegacia. Em períodos de festas, como São João e Natal, quando as famílias viajam, muitos dos 1.288 apartamentos são arrombados. Os prédios não têm garagem e os carros dormem ao alcance dos **larápios**. Há cinco anos o dono do Mercadinho Doron, Roberto Francisco da Silva, vive "trancado" dentro da loja. Roberto perdeu a conta de quantas vezes foi assaltado.

Só uma escola pública funciona no local. Mas os moradores preferem mandar os filhos estudarem em outros bairros. O acesso à escola é escuro e nem os professores estão seguros. Além disso, o ensino é deficiente, reclamam os moradores. No Doron, funcionam quatro escolas particulares.

A única coisa de que os moradores não reclamam é da coleta de lixo. Mesmo assim, as munições atrapalham o sono. Os apartamentos também são considerados "bonzinhos". Os prédios estão precisando de uma boa pintura e o mato carece de poda. Roupas coloridas estendidas nas janelas para secar e as flores dos flamboyans alegam a paisagem. As crianças é que adoram o lugar: brincam de bola, piquê e andam de bicicleta.

Roubos constantes no mercadinho fizeram de Roberto da Silva um prisioneiro de seu próprio negócio

Animais passeiam pelo conjunto

O Conjunto Doron foi construído em duas etapas no início dos anos 80, pela Urbis. São 161 prédios, com oito apartamentos de 49 metros quadrados cada, dois por andar. Em média, quatro pessoas dividem sala, cozinha, banheiro e dois quartos. Cada prédio tem um síndico. A maioria dos apartamentos é próprio, financiada em 25 anos. Muitos compradores conseguiram quitar as dívidas com a liberação do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS), no governo Collor.

O condomínio faz limite com os bairros de Tancredo Neves, Cabula VI, Engomadeira e Saboeiro. Chega-se lá pela Avenida Paraieira e pelo Cabula. Outro traço característico do conjunto é a presença constante de bois e vacas pelas ruas, à procura de comida. Os animais pertencem a um homem de prenome Milton, morador da invasão de Narandiba, conforme relato de Luís Roberto Sales, ex-morador do Doron que hoje ocupa uma casa vizinha ao conjunto. Luís Roberto reclamou da

falta de telefones na área.

O Doron tem um pequeno comércio local. Três mercadinhos, açougue, padaria, lanchonete, armazém, verdureiro, banca de jogo-do-bicho e muitas barracas que vendem cerveja. A única farmácia fechou há seis meses. Segundo os moradores, os preços cobrados são bem mais altos que na "cidade". O aposentado Peri Perciano de Jesus, 51 anos, contou que lhe cobraram ontem CRS 50 por um *band-aid*, no Mercadinho Doron.